

Crônica de um filme

Por João Nunes, do Correio Popular (Campinas) e membro do júri da Abraccine no 3º Olhar de Cinema - Festival Internacional de Curitiba

É quase impossível mergulhar no universo do documentário **E Agora? Lembra-me**, do português Joaquim Pinto, vencedor do 3º Olhar de Cinema – Festival Internacional de Cinema de Curitiba, e não admirá-lo. Antes de vê-lo, entretanto, o espectador pode relutar ao ler a sinopse: homossexual com o vírus do HIV relata o próprio cotidiano durante nada menos que duas horas e 46 minutos. Tema e duração suficientes para afastar qualquer um que não esteja disponível para sair da comodidade de relatos mais amenos e com estrutura tradicional e encarar um filme que, a despeito do assombro que provoca, não alivia nem garante situações de conforto – muito pelo contrário.

Logo no primeiro e longo plano, um molusco viscoso atravessa a tela vagarosamente e desperta incômodo. No segundo, não menos penoso, observamos Joaquim deitado, doente, câmera estática sobre a cabeça dele – os minutos passam, mas o relógio parece estar parado. Aos poucos e passada certa exasperação gerada pelo início, vamos sendo envolvidos pela narrativa até nos darmos conta de que o verdadeiro tema do filme é o tempo, que fica manifesto na lentidão de compasso de espera com a qual Joaquim vive inexoravelmente a vida.

E, então, de maneira sedutora ele nos convida a acompanhá-lo nos tormentos e em algumas delícias, na solidão e no aconchego, nas horas insônes e nos parcos instantes de vislumbres, nos perrengues e nos pequenos encantos. E a arriscada tarefa do diretor de tratar tema tão espinhoso num documentário de quase três horas se torna um desafio, de pronto, vencido com “prazer e dor” – expressão usada pela crítica Ivonete Pinto em outro contexto (muito menos doloroso), mas a partir de percepções similares, ou seja, as dificuldades de encarar os transtornos cotidianos que, no caso do filme, são muitos e pungentes.

Feito a partir da ideia de um cinema despojado e, ao mesmo tempo, rico em formulações, reflexões e ações, tecnicamente, **E Agora? Lembra-me** resulta num experimento cinematográfico: o próprio diretor e o parceiro dele, Nuno Leonel, se encarregam de captar as imagens. Quando juntos (como na cena de sexo), a câmera estática faz a captação. Sozinhos, acompanhamos os movimentos de um de outro – Joaquim está no centro das ações; Nuno assume o papel de coadjuvante de luxo, pouco aparece, mas permanece onipresente diante ou atrás da câmera.

Joaquim Pinto diretor foi técnico de som de dezenas de filmes na Europa e nos Estados Unidos e trabalhou com cineastas importantes como o chileno Raúl Ruiz, o francês André Téchiné e o britânico Derek Jarman (1942-1994), entre muitos outros. Posteriormente, fez curso de cinema e, há 20 anos, convive dramaticamente com o vírus do HIV. A dramaticidade vem não apenas da enfermidade em si (o que já seria bastante), mas da busca insana por testar novos remédios (e seus terríveis efeitos colaterais) que alimentam a possibilidade de seguir vivendo.

Como narrativa, trata-se de um diário desenhado com tal: o comezinho mesclado ao extraordinário que se alternam rotineiramente. Assim, vemos o dia-a-dia trivial de Joaquim e de Nuno nas tarefas comuns, de um lado, e o confidencial escancarado pelo cinema e exposto na intimidade inviolável do sexo (em forte e bem resolvida cena), que

passa longe da gratuidade. Se estão visíveis em outras atividades, por que esconderiam o ato sexual, elemento tão essencial à vida deles?

Porém, na maior parte do tempo acompanhamos a luta de Joaquim na busca por respostas positivas da medicina para a doença, nas constantes viagens a Madri (Espanha) em busca de atendimento, e na relação afetiva com o parceiro, amigos, eventuais vizinhos e com quatro cães, que mais parecem filhos. Não escapam desta visão panorâmica nem mesmo as mudanças políticas que afetam a vida particular do personagem.

A fixação por insetos e animais estranhos metaforiza a sobrevivência (no ato mesmo de se alimentar para estar vivo) e a morte, enquanto a relação com os cães sugere amizade e solidariedade. Tenho aversão ao contato com animais domésticos e, no entanto, a intimidade de Joaquim e Nuno com os quatro cães demonstra perfeita sintonia com a natureza sem a necessidade de qualquer discurso ecológico engajado e, portanto, aborrecido.

Eles dormem na mesma cama, se lambem, se beijam e se agarram – notadamente Nuno, que adora rolar na grama com os bichos. A solidariedade surge em momentos líricos, especialmente quando os cães fazem companhia a Joaquim enquanto este dorme, como se lhe velassem o sono.

A relação com a natureza se aprofunda quando o casal compra terreno na zona rural e Nuno se encarrega de cultivar e regar as plantas – ele que tinha sido vocalista de banda de heavy metal, ele tão sensível e tão decisivo e assertivo, o sujeito que comanda e toma decisões, o lado forte, saudável e efusivo do casamento.

O extraordinário em Joaquim, capaz de prender nossa atenção o tempo todo, é o estímulo dele em lutar para sobreviver (como qualquer ser que respira, do molusco do prólogo ao próprio Joaquim), luta insana contra a doença, pela busca por remédios e pesquisa de medicina alternativa que lhe possibilite seguir em frente.

O extraordinário em Nuno é a vitalidade dele trabalhando duramente a terra, resolvendo questões complicadas como apagar um incêndio em meio a uma seca impressionante; ou prosaicas, como dirigir o carro, regar a plantação sem se esquecer de oferecer boas energias ao companheiro. Débil, Joaquim luta sabendo que, em caso de necessidade, a força de Nuno pode valer para ambos.

E ainda que haja questionamentos ou que busquem saídas juntos e individualmente (Nuno, por exemplo, lê a Bíblia e vai à missa) não se perde muito tempo com respostas vãs. A vida está ali diante deles e eles procuram desfrutá-la. As possibilidades nem são muitas e os problemas estão por toda parte – como é a existência de todos nós, com maiores ou menores infortúnios. Porém, a companhia dos quatros cães e das plantas e a perfeita simbiose que parece existir com a natureza sugerem um toque de serenidade à vida deles, o impulso extra que lhes garante, simplesmente, continuar. Parece pouco, mas é bastante.